

MARIA PEDROSO, A FILHA ESQUECIDA DE SEBASTIÃO DE FREITAS

Luiz Gustavo de Sillos

Resumo: *Correções e Acréscimos à Genealogia Paulistana do Dr. Silva Leme – Trº Freitas.*

Abstract: *Corrections and Accruals to the Paulistana Genealogy of Dr. Silva Leme - Trº Freitas.*

APRESENTAÇÃO

Há mais de 20 anos atrás, quando comecei a ter contato com aqueles que seriam os meus primeiros antepassados, ligados à Genealogia Paulistana, era bastante comum eu ouvir de outros pesquisadores, sejam profissionais ou amadores, a seguinte questão: “- *Aparecem no Silva Leme?*”. E, quando minha resposta era uma negativa, imediatamente me diziam, “- Então, não tem ligação com a GP!”. Com o passar do tempo, pude perceber que as coisas não eram bem assim. Apesar da Genealogia Paulistana ser, na minha opinião, uma das principais obras de referência para a Genealogia Brasileira, como em qualquer trabalho desta natureza, está sujeita a correções ou acréscimos. Nos próprios “Originais do Silva Leme”⁽¹⁾, **nem todas as suas anotações foram utilizadas** nos nove volumes que se transformaram. Ainda, com a descoberta de novos documentos, a releitura de outros, podemos chegar a conclusões, até mesmo, bastante divergentes da opinião do autor.

¹ Como assim foram popularizados, e que correspondem a dois volumes intitulados sob o nome de “Fontes da Genealogia Paulistana”, parte integrante do acervo do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, e trazem as transcrições de inúmeros batismos, casamentos, dispensas matrimoniais, óbitos, testamentos e inventários, que o Dr. Silva Leme pacientemente compilou e organizou por cidades, entre os anos de 1896 a 1898 (vol. I) e 1898 a 1901 (vol. II), em uma época que não havia Internet e que a comunicação era bem mais morosa.

Mesmo agora, em face a novos dados, pude perceber nas listas, fóruns ou grupos nas redes sociais sobre Genealogia, que, ainda persiste em um bom número de pessoas, a falsa ideia de que, se uma informação não consta no Silva Leme, a mesma não existe, está incorreta ou não carece da nossa atenção.

A importância de Silva Leme, e de outros autores que o antecederam como Pedro Taques, Frei Gaspar da Madre de Deus, entre outros, é indiscutível. O objetivo deste artigo é de incentivar os leitores a buscar por novas fontes; a não copiar tudo da Internet, sem qualquer olhar crítico; é fazer suas próprias pesquisas etc.

E, justamente, imbuído destas ferramentas e, ou, posicionamentos, é que resolvi escrever este artigo, que, apesar de pequeno, creio ser extremamente útil para a releitura do Ttº Freitas, ao trazer a figura de **Maria Pedroso, a filha esquecida de Sebastião de Freitas**. No vol. VII, Silva Leme, ao abordar a descendência do casal Sebastião de Freitas e Maria Pedroso, cita efetivamente 7 (sete) filhos, que são:

SL, VII, Ttº Freitas, pág. 169

Cap. 1.º Izabel de Freitas

Cap. 2.º Maria de Freitas

Cap. 3.º Catharina de Freitas

Cap. 4.º Mecia de Freitas

Cap. 5.º Anna Ribeiro

Cap. 6.º João de Freitas

Cap. 7.º Antonio Pedroso de Freitas

Todavia, ao consultar o Lº 1 de Casamentos da Sé de São Paulo (²), anos de 1632 a 1644 (códice 1-3-15), deparei-me com uma grande surpresa. Os filhos, na verdade, eram 8 (oito), sendo um deles, Maria Pedroso. Vamos entender melhor, esta descoberta? É o que o proponho aos nobres leitores, a partir de agora.

São Bernardo do Campo, 25 de junho de 2019.

Luiz Gustavo de Sillos

² No termo de abertura deste livro, consta a informação que a paróquia da Sé foi instalada no ano de 1591. Desta forma, seguramente, o Lº dito n.º 1, não foi o primeiro, o que é uma pena, pois, muitas de nossas questões acerca das primeiras famílias de São Paulo, poderiam ser respondidas.

AS DUAS MARIAS, TORNARAM-SE UMA

Sebastião de Freitas é meu décimo-primeiro avô, por parte de minha bisavó Vicência Ferreira de Sillos. Sou descendente, justamente da fª Maria de Freitas, que figura em SL, Vol. VII, § 2.º, pág. 170 e no Vol. V, § 1.º, pág. 05, da seguinte forma:

(...) Cap. 2.º

Maria de Freitas foi a 1.º casada em S. Paulo com João de Barros Freire f.º de Luiz de Barros de Alcaçova e de Maria da Silva de Pedrosa, naturais de Setúbal; 2.ª vez casou com Henrique da Cunha Gago (o moço) f.º de outro (o velho) e de sua 1.ª mulher Izabel Fernandes, V. 5.º pág. 5, com geração deste 2.º marido.

(...) Cap. 1.º

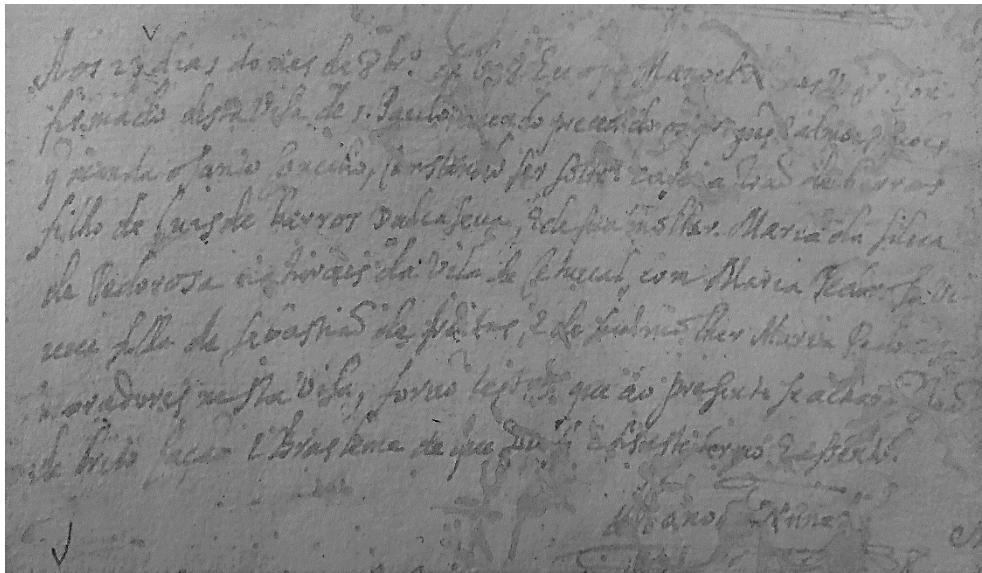
1-1 Capitão Henrique da Cunha Gago (o moço), com 6 anos de idade em 1599 quando faleceu sua mãe, **foi 1.º casado com Maria de Freitas, † em 1629 em S. Paulo, viúva de João de Barros, f.ª do capitão Sebastião de Freitas**, cavalheiro fidalgo da casa real portuguesa, e de sua mulher Maria Pedroso. Tit. Freitas. Segunda vez casou Henrique da Cunha Gago com Maria Vaz Cardoso, f.ª de Gaspar Vaz Guedes e de Francisca Cardoso, n. p. de Antonio Vaz Guedes e de Margarida Corrêa, n. m. de Braz Cardoso, o fundador de Mogi das Cruzes, e de Francisca da Costa. Henrique da Cunha (o moço) esteve no sertão em 1637, juntamente com seus irmãos Manoel da Cunha e Francisco da Cunha, na bandeira sob o comando do capitão Francisco Bueno, que foi inventariado em 1665 em S. Paulo (C. O. de S. Paulo)

Logo de início, algo me soara bem estranho, pois já havia estudado bastante estes Barros Freire, Barros de Alcaçova, Barros da Silva, cujos descendentes, também adotaram o apelido Barros de Abreu (ver Revista da ASBRAP, n.º 23, pág. 243), para ter certeza que o filho do casal Luís de Barros de Alcaçova e de Maria da Silva Pedrosa, naturais de Setúbal, Portugal, por nome João, não poderia ser o João de Barros Freire ou João de Barros, já fal. muito bens antes de 1629 (ano de falecimento de Maria de Freitas, à época, mulher de Henrique da Cunha), como constava na GP. Pois que, este, seguramente, era o mesmo

152- João de Barros de Abreu – 1639 - Em Santana de Mogi, no Rio Paraíba, partindo com Manoel de Freitas e Gaspar Vaz (³)

Neste sentido, João de Barros, não poderia ter falecido em data anterior ao ano de 1639, conforme registro de obtenção da sesmaria acima. Foi então que, em uma de minhas muitas idas ao Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, ao consultar o **L.º 1 de Casamentos da Sé de São Paulo, fl. 16**, deparei-me com o seguinte assento de matrimônio, realizado aos 23-OUT-1638 (termo n.º 157):

Aos 23 dias do mês de 8.^{bro} de 638 eu o pe Manoel Nunes de Vig.^{ro} Confirmado desta Vila de s. Paulo quando precedeu os pregoes e admoestações de q' manda o Santo Concelio, constando ser solt.ro casei a João de Barros filho de de Luis de Barros e de sua molher Maria da Silva de Pedrosa naturaes da Vila de Cetuval com Maria Pedrosa viúva filha de Sebastião de Freitas e Maria Pedrosa moradores nesta vila, forão test.^{as} que ao presente se acharam João de Brito Caçã e Braz Leme de que (...) e e fīs este termo e assento. (a) Manoel Nunes



Casamento de João de Barros com Maria Pedrosa. ACMSP

³ Sesmarias, Tipografia Piratininga, SP, ano de 1.921, publicado pelo Arquivo do Estado de São Paulo.

A transcrição desta fonte primária, descarta qualquer outra explicação. Fica evidente que Sebastião de Freitas e s/m. Maria Pedroso tiveram duas filhas por prenome Maria, porém, com apelidos distintos. **Maria de Freitas**, fal. em 1629, foi a mulher de Henrique da Cunha Gago (o Moço), e, muito provavelmente, jamais tivera um matrimônio anterior, e, caso ele tivesse ocorrido, e com um João de Barros, não poderia ter sido o filho de Luís de Barros de Alcaçova e Maria da Silva Pedrosa, visto que, conforme seu casamento, era homem solteiro.

Sobre o primeiro casamento de Maria Pedroso, caso tenha ocorrido na Sé de São Paulo, só poderia ter sido celebrado em período anterior a 1632 (o L^o 1 de casamentos inicia-se neste ano, e, após consultá-lo exaustivamente, não encontrei este 1.^o matrimônio). Desta forma, como no seu assento matrimonial com João de Barros, o nome de seu falecido marido foi omitido, é bem provável, que nunca descobriremos quem ele foi.

Assim, entendo que, em SL, vol. VII, à pág. 169, a primeira geração da descendência do casal Sebastião de Freitas e Maria Pedroso, deve estar assim nomeada:

Cap. 1.^o Izabel de Freitas

Cap. 2.^o Maria de Freitas

Cap. 3.^o Catharina de Freitas

Cap. 4.^o Mecia de Freitas

Cap. 5.^o Anna Ribeiro

Cap. 6.^o João de Freitas

Cap. 7.^o Antonio Pedroso de Freitas

Cap. 8.^o Maria Pedroso

Ainda, nos já citados volumes VII, § 2.º, pág. 170 e V, § 1.º, pág. 05, tais capítulos devem figurar agora, da seguinte forma:

(...) Cap. 2.º

Maria de Freitas se casou com Henrique da Cunha Gago (o moço) f.º de outro (o velho) e de sua 1.ª mulher Izabel Fernandes, V. 5.º pág. 5, com geração deste 2.º marido.

(...) Cap. 8.º

Maria Pedroso, era viúva quando, em 1638, casou em S. Paulo com João de Barros f.º de Luiz de Barros de Alcaçova e de Maria da Silva de Pedrosa, naturais de Setúbal, da qual, não descobrimos geração.

(...) Cap. 1.º

1-1 Capitão Henrique da Cunha Gago (o moço), com 6 anos de idade em 1599 quando faleceu sua mãe, **foi 1.º casado com Maria de Freitas, † em 1629 em S. Paulo, f.º do capitão Sebastião de Freitas**, cavalheiro fidalgo da casa real portuguesa, e de sua mulher Maria Pedroso. Tit. Freitas. Segunda vez casou Henrique da Cunha Gago com Maria Vaz Cardoso, f.ª de Gaspar Vaz Guedes e de Francisca Cardoso, n. p. de Antonio Vaz Guedes e de Margarida Corrêa, n. m. de Braz Cardoso, o fundador de Mogi das Cruzes, e de Francisca da Costa. Henrique da Cunha (o moço) esteve no sertão em 1637, juntamente com seus irmãos Manoel da Cunha e Francisco da Cunha, na bandeira sob o comando do capitão Francisco Bueno, que foi inventariado em 1665 em S. Paulo (C. O. de S. Paulo).

Por fim, creio que, este erro surgiu quando Silva Leme, ao escrever o Titº Freitas, ao escrever sobre Maria de Freitas, mulher de Henrique da Cunha Gago, filha de Sebastião de Freitas e s/m. Maria Pedroso, deve ter se lembrado da anotação que fez, no tocante ao casamento de uma Maria (que, agora, sabemos se tratar de Maria Pedroso), filha de Sebastião de Freitas, com um João de Barros, filho de Luís de Barros de Alcaçova (visto que nos Originais do SL, pude constatar que este termo de 1638 também foi transcrito pelo autor) e acabou juntando-as em um único capítulo, pensando tratar-se da mesma pessoa. E foi assim, que **“as duas Marias, tornaram-se uma”**.

MARIA PEDROSO, MULHER DE JOÃO DE BARROS DE ABREU, DEIXOU DESCENDENTES?

Esta é uma resposta difícil de se dar. Entre os filhos de João de Barros de Abreu, conforme também entendia o nobre genealogista Dr. Helvécio de Vasconcelos de Castro Coelho, estavam os irmãos Antônio de Barros de Abreu e Paulo de Barros de Abreu, naturais de Mogi das Cruzes, SP, e, casados com duas irmãs, Mariana Bicudo Leite e Maria Pacheco Leite, filhas de Henrique Tavares da Silva e s/m. Mariana Bicudo de Brito (com descendência já tratada por mim em Revista da ASBRAP), e, sendo Maria Pedroso sua mulher, atribuir-lhe a maternidade de Antônio e Paulo, seria algo lógico. Porém, em uma época onde a mortalidade era bem comum e frequente, entendo ser prematura esta afirmação. Além disso, dado as idades dos filhos de Antônio e Paulo, os dois irmãos teriam que ser bem mais velhos que suas mulheres, ou Maria Pedroso tê-los gerado na casa dos quarenta anos. Assim, não descarto um 2º matrimônio da parte de João de Barros (⁴), caso este tenha sobrevivido a Maria Pedroso.

Ainda, sendo Maria Pedroso viúva quando do seu 2º matrimônio, também não descarto ela ter deixado descendentes por esta linha. E, supondo que esta tivesse nascido por 1600, e casada 1ª vez, cerca de 1622, é possível que tenha tido filhos entre os anos de 1622 a 1638, o que é um período bem considerável.

Desta forma, não seria surpresa, se, em breve, alguém descobrir que, o Cel. Sebastião de Freitas, n. por 1627 em São Paulo, SP, C.c. Maria Fragoso, e com alguns filhos batizados em Mogi das Cruzes (achei Gaspar em 1669 e Cosme em 1673), **e, que, inúmeros genealogistas acreditam ser ele descendente do casal tronco desta família (Sebastião de Freitas e Maria Pedroso), e, por questões cronológicas, não poderia ser o filho de Antônio Pedroso de Freitas e Clara Parente, pois este Sebastião, conforme invº materno, estaria com 9 anos em 1645 (⁵)**, esteja no rol dos filhos de Maria Pedroso e primeiro marido (⁶).

⁴ Comparar com João de Barros, C.c. Leonor Ribeiro, que batizam filhos na Sé de São Paulo, a partir de 1646.

⁵ Tornando-se uma tarefa difícil relacionar este Sebastião n. por 1645 com o Cel. Freitas, visto que os filhos deste último, já começam a nascer por 1652.

⁶ Creio, um Fulano Ferreira de Melo, sobrenome presente nos filhos do Cel. Freitas e s/m. Maria Fragoso.

Esta “**hipótese**”, é bem aceitável, visto que João de Barros de Abreu, marido de Maria Pedroso, era irmão de Antônio de Barros de Alcaçova, padrastrô de Maria Fragoso (mulher do Cel. Freitas), por ser este casado com a mãe desta, por nome Mariana Cardoso (⁷). Além disso, outro irmão de João de Barros e Antônio de Barros, por nome Francisco de Barros Freire, casou em 15-NOV-1632 com Catarina de Freitas, irmã daquela que um dia, se tornaria sua cunhada (que é Maria Pedroso). Desta forma, fica evidente a proximidade que existia entre a família destes Barros, com os Freitas, e com estes Ferreiras de Melo.

De qualquer modo, como destacado no parágrafo acima, trata-se de hipótese, e não deve ser considerada verdade absoluta, na falta de fontes primárias conclusivas.

Contudo, entendo que esta descoberta, cria novas possibilidades para uma melhor identificação e história desta família.

⁷ Antônio de Barros de Alcaçova se casou na Sé de São Paulo com Mariana Cardoso em 02-JAN-1637. Ele, foi 1ª vez C.c. Maria Álvares, e ela, C.c. Baltazar Lopes Fragoso. O nome de Maria Álvares, 1ª mulher de Antônio de Barros, figura no casamento de s/ f.ª Maria da Silva, ocorrido na Sé de São Paulo em OUT-1643 com Antônio Luís, f.º de [...] Dias e s/m. Leonor Álvares, n. em Lisboa, Portugal. Em 1647 (INV. E TEST. Arquivo Público do Estado de São Paulo., vol. 35), ano do inv.º do dito Antônio Luís [Mafra] (creio que adotou Mafra, por ser desta freg.ª e Conc.º de Lisboa), sua viúva estava na casa de uma Maria Pedroso (também viúva), tendo o falecido nomeado como curador de seus filhos, um Jerônimo Ferreira de Melo (que deve ser o mesmo tabelião público, morador na Ilha de São Sebastião, SP, e que em 1661 figura como testemunha na Inquirição de Gêneres do Pe. Domingos Gonçalves Padilha, datada de 1661), e, que, leva o mesmo nome do f.º de Sebastião de Freitas e Maria Fragoso (e, que, dado a cronologia, não correspondem a mesma pessoa, pois o f.º destes últimos, n. por 1657). Penso que este fato, não é mera coincidência, sendo este tabelião (Jerônimo Ferreira de Melo), muito provavelmente, irmão do Cel. Sebastião de Freitas, e, que, foi nomeado procurador, por estar ligado à família.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E ARQUIVÍSTICAS

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. SP: Livraria Duprat, 1903 a 1904, 09 volumes.

Lº 1 de Casamentos, anos de 1632 a 1633. Igreja Católica Nossa Senhora da Assunção (Sé de São Paulo). ACMSP.

XX

ERRATAS

Revista da ASBRAP, nº 25, pág. 149, aqui temos um adendo: Nos Originais do SL, ref. à cidade de Itu, acrescenta-se à lista das filhas de Clemente Portes de El-Rei e Helena Fernandes de Saavedra, outra Maria Portes, C.c. Martinho de Góes, viúvo de Ana da Guerra, fº de André de Góes de Siqueira, ocorrido no ano de 1693.